

DR. ADOLPHO LUTZ.

M. SABINA DE ALBUQUERQUE *

A situação do Brasil, mau grado o desejo de progresso que animava a nova república sul-americana não era das mais auspiciosas ao findar o século XIX e nos primeiros albores do novo século. Tôdas as aspirações de melhoria esbarravam num obstáculo de primeira grandeza : o estado sanitário do país. A agricultura, privada do braço escravo pela Lei Áurea, tinha necessidade imprescindível da imigração, não sòmente para progredir, como para a simples sobrevivência ; o comércio sentia a sua expansão irremediavelmente entravada e o Brasil tinha os seus portos mais importantes na lista negra da navegação das grandes nações. Estendia-se sòbre as suas formosas plagas a sombra escura das endemias e, como nos portos do Oriente, a peste, a cólera, e, além disso a febre amarela, apavoravam os que se viam na contingência de aqui aportar e afugentavam os que em outras circunstâncias desejariam fazê-lo.

Foi nesse quadro carregado de côres sombrias que uma primeira réstea de luz se fêz entrever : trabalhando num modesto laboratório, um grande cientista iria imprimir à Saúde Pública um novo e mais seguro rumo, para libertar o Brasil da cólera, da peste bubônica, da febre tifóide e da febre amarela que livremente grassavam por tôda a parte.

Naquela época, o Dr. Adolpho Lutz, Diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo, o primeiro a ser fundado no Brasil, tinha pela sua frente um duplo combate a enfrentar : enquanto, por um lado, enfrentava as endemias, por outro tinha que lutar contra a rotina, o preconceito e a ignorância que embargavam os seus passos e tolhiam a sua iniciativa reformadora. Eram de tal monta os obstáculos que tinha a enfrentar e as lutas que necessitava travar que por vêzes, parecia impossível que êle pudesse manter erguido o estandarte do progresso que desfraldara. A verdade, entretanto, triunfou. Teve o Dr. Adolpho Lutz a dita de encontrar no Dr. Emilio Ribas, Diretor Geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, um espírito aberto, que sabia reconhecer a verdade e um lutador arguto e sereno que a fazia triunfar. Sob a orientação científica de Lutz sempre acatada, pôde o Estado de São Paulo libertar-se das grandes endemias que o assolavam, sendo o primeiro

* Dados fornecidos pelos filhos do Dr. A. Lutz.

a se livrar da febre amarela, da febre tifóide e após tê-lo feito da cólera e da peste bubônica. Pôde Oswaldo Cruz, seguindo a mesma orientação, prestar o mesmo benefício ao Rio de Janeiro, ficando livres este porto e o de Santos da pecha de portos sujos, e entrando o Brasil em novo período que iria acelerar o seu progresso. Assim, lançara Adolpho Lutz, no seu modesto laboratório, as bases da Medicina Tropical e da Zoologia Médica na América do Sul.

À medida que o novo século progredia, iam a opinião médica, o espírito dos governantes e o público em geral sofrendo uma transformação mais e mais acentuada e as medidas outrora condenadas como visionárias e tirânicas eram aceitas com espírito de colaboração e grangeavam o apoio geral.

Viveu muitos anos o Dr. Adolpho Lutz, o bastante para ver amainada a tempestade que a sua revolução branda da Saúde Pública provocara, aplicadas pelas autoridades sanitárias as medidas que preconizara e aceitas de bom grado pelo povo, que, inicialmente se rebelara e prestava-lhes enfim, a mais decidida colaboração. Pôde então prosseguir na sua carreira de devotamento à ciência, rodeado de veneração e do respeito a que fazia jus pela sua sabedoria, modéstia e moderação, que dêle fizeram um dos grandes vultos científicos da sua época e do seu país.

Apenas fechara os olhos à beira dos oitenta e cinco anos de idade, foi inaugurado na capital de São Paulo o novo Instituto ao qual foi dado como preito de gratidão pelos incalculáveis serviços por êle prestados à medicina, à Saúde Pública e à população, o nome de Instituto Adolpho Lutz. Esta instituição, dotada dos mais modernos requisitos, é um digno monumento à memória do homem que foi o vanguardeiro da medicina científica no Brasil.

Embora as lides mais intensas de sua vida se houvessem desenrolado em São Paulo, era Adolpho Lutz carioca, nascido no Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1855. Era filho de pais suíços que, contraindo matrimônio em 1849, se haviam transferido no fim do mesmo ano para terras brasílicas, com o fito de aí constituírem a sua família. Foram os estudos de Lutz realizados na pátria de seus maiores, em cuja capital o rol das famílias patricias, com o direito a voto e a usar armas, consignava o nome Lutz há mais de quinhentos anos. Terminados os seus estudos em 1879 na Universidade de Berna, recebeu o seu diploma *summa com laude*, em 1880, continuando a enriquecer os seus conhecimentos em diversas cidades da Europa: em Londres, foi discípulo de Lister; em Paris, carinhosamente recebido por Pasteur, amigo dedicado de D. Pedro II. Em Leipzig, esteve sob a égide do eminente parasitologista Leuckart e em Hamburgo foi colaborador e amigo do Professor Unna, prócer da dermatologia, de quem fôra previamente discípulo.

De regresso ao Brasil, veio se juntar finalmente à família de cujo convívio estivera afastado largos anos, no afã de se preparar para a sua missão

que, sem que o suspeitasse então, iria ser de especial relevância nos anais da medicina e da história. O seu primeiro cuidado foi revalidar, em 1881, o seu diploma na velha Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Relatava mais tarde, ao lançar ao passado um reminescente olhar, que os belos *Ficus* que sombreiam a frente da Santa-Casa, naquela época remota mal lhe chegavam aos ombros.

Partiu então para o interior de São Paulo, com o fito de adquirir a indispensável prática da clínica rural em país quente, prática essa que completaria os sólidos conhecimentos de medicina urbana em zona temperada que adquirira como interno de vários hospitais do velho mundo. Firmou-se a sua reputação de clínico, revelando Lutz os seus dons de diagnosticador exímio. Julgava êle indispensável esta capacidade ao bom êxito da carreira médica e ao conforto e benefício dos enfermos.

Apresentou-se-lhe então ali o ensejo de dar início à aplicação dos seus princípios sôbre a síntese entre a biologia e a medicina, princípios êsses que o tornaram um predestinado precursor no domínio da Medicina Tropical que, a um tempo, é medicina e zoologia. Nesta síntese encontra-se a chave da contribuição científica de Adolpho Lutz.

O que o distinguia principalmente era a verdadeira vocação para a investigação científica: criança ainda, mal transpostos os cinco anos, já resolvera a sua vida futura e explicava à sua progenitora, naturalmente atônita, que ia dedicar a sua vida inteira ao estudo da Natureza. Aos treze anos já lera a Bíblia da Biologia moderna, "A origem das Espécies", que Darwin publicara em 1859. Descobrira nesta doutrina verdadeira pedra de toque da verdade e um estímulo poderoso para a sua carreira de naturalista. No Brasil de então ser-lhe-ia sobremaneira difícil ater-se unicamente à biologia e foi essa a razão provável de se ter encaminhado profissionalmente para a carreira médica: norteou por isso a sua vida na medicina, por um lado pelo espírito humanitário e pelo outro, pela compreensão biológica.

Entretanto, nos lazes que lhe proporcionava a sua grande clínica de Limeira, não descurou a pesquisa científica e começou a se dedicar ao estudo dos principais helmintos parasitários, publicando em 1885 o seu trabalho sôbre *Ankylostomum* e Ancilostomiase, que iria, desde logo celebrizá-lo. Paulatinamente ia-se encaminhando para a compreensão profunda do papel nefando dos dípteros sugadores de sangue na patologia tropical.

Entretanto, a pandemia de febre amarela de 1889 fê-lo voltar a atenção para Campinas onde em breve tratava os enfermos, muitos dos quais se encontravam ao abandono, tais as proporções da calamidade, com dedicação heróica e incansável. Teve af o ensejo de meditar com proveito sôbre o modo de transmissão do terrível flagelo: já tinha nítida intuição da verdade pois, nos raros momentos em que podia procurar repouso no leito, corria

sempre o cortinado, já que, na casa em que habitava, como em tôdas as demais, existiam mosquitos e casos de febre amarela. É de crer que se haja gradativamente imunizado contra o mal e de modo tão completo que, transcorrido meio século, o seu sangue ainda possuía propriedade imunizante contra a febre amarela.

Da mesma época datam as suas observações sôbre a Hepatite amebiana que seriam publicadas em 1891 : proclamava pela primeira vez que havia duas formas de disenteria, sendo uma amebiana, crônica e altamente perniciosa e outra epidêmica e, com tôda a probabilidade, bacilar. Estas observações, revestidas da maior importância, foram, posteriormente, plenamente confirmadas.

Em 1886, Adolpho Lutz descrevia uma nova moléstia de carência, a Pelagróide, em época em que as Avitaminoses ainda eram completamente desconhecidas.

O ano de 1889 viria imprimir um novo rumo às pesquisas do jovem cientista. Fôra o Professor Unna convidado a estudar a fundo a Lepra no Leprosário de Molukai, nas Ilhas Hawaii. Não lhe sendo possível no momento aceder a tal convite, indicou para substituí-lo em tais estudos o seu antigo discípulo e colaborador, o jovem brasileiro, Adolpho Lutz. Conhecia de perto o seu valor e recordava a publicação em sua própria Revista Dermatológica, em 1886, de um trabalho do seu ex-colaborador sôbre a Morfologia do Microrganismo da Lepra. Neste trabalho, que se tornara clássico, descrevia Lutz as granulações típicas e propunha o nome genérico de *Coccothrix* para êsta espécie e outras aliadas, nome êste, de conformidade com as regras internacionais de nomenclatura botânica, ao qual cabe a prioridade que até hoje ainda lhe é denegada.

O honroso convite é aceito por Lutz, que novamente se prepara para enfrentar sacrifícios no estrangeiro. Não adivinha que, uma observação sua, feita ao govêrno insular, a respeito da carência de enfermagem, tão necessária aos enfermos de uma doença que inspira menos piedade que terror, viria afetar profundamente a sua vida particular. A imprensa se encarregara de espalhar levanamente, aos quatro ventos, a observação do jovem médico e esta, sem mais delongas, chegara ao conhecimento de uma jovem na longínqua Inglaterra.

Era Amy Fowler, filha de um pastor anglicano que, convertida ao catolicismo, desejava dedicar-se à Humanidade, como o fazia o pai, embora professando outra religião. Tinha ela o Diploma de Enfermeira e sentia como outras patricias suas, a influência do exemplo comovedor de Florence Nightingale. Tocada pela necessidade premente dos enfermos longínquos, a jovem oferece, tímidamente, os seus serviços por intermédio da "Sociedade Britânica de Assistência aos Lazaros". Era patrono Real da mesma o futuro Rei Eduardo VII da Inglaterra, então Príncipe de Galles, que apóia entu-

siasticamente o gesto de abnegação da jovem súdita de sua Mãe. A Rainha Victoria abre uma lista de donativos de que a jovem enfermeira será portadora para os enfermos de Hawaii. Algumas semanas mais tarde desembarca Amy Fowler em Nova York. A sua coragem e desprendimento cativam o espírito generoso do povo Norte-Americano e a sua viagem através dos Estados- Unidos se transforma em cortejo triunfal : de tôda a parte chovem presentes para os morféticos que se avolumam vertiginosamente. Os jornais de São Francisco da Califórnia, de 27 de fevereiro de 1890, descrevem a sua chegada sensacional e subsequente embarque para o longínquo arquipélago.

Chegando a Hawaii a jovem enfermeira entrega-se desde logo ao seu trabalho, confiando tão somente em Deus e no destino de sua obra, dedicada de corpo e alma ao tratamento e consôlo dos leprosos, vivendo em contacto diário com êles, no exílio do Leprosário. E pôde então observar que, dentre os médicos, o único que se mostrava sempre alheio ao receio do contágio, era o jovem cientista brasileiro. Como era natural, o trabalho e os sacrificios enfrentados em comum cimentaram mais e mais o respeito e a amizade mútuos que bem depressa se transformam em afeto. Terminada a sua missão junto aos lázaros, consorciavam-se médico e enfermeira que regressam ao Brasil, após uma temporada passada na Califórnia.

Data da estada de Lutz em Hawaii a sua descoberta das Nodosidades Justa-articulares, que observou, tornando pública a sua descoberta no *Correspondenzblatt fuer Schweizeraerzte* 1891-1892, muito antes portanto de Jeanselme.

Também em Hawaii realizou magistrais estudos sôbre o *Distomum hepaticum*. Descobre ainda que as plantas armazenadoras de água, como por exemplo as *Freycinetias*, podem servir de habitat a pequenos crustáceos. Esta observação viria mais tarde adquirir excepcional importância na pesquisa do habitat do transmissor da malária silvestre.

Com o decorrer dos anos, as observações feitas por Lutz em Hawaii vêm fortalecer a sua convicção de que a lepra também é transmissível pelo mosquito. Embora nunca se houvesse furtado ao contacto direto com os leprosos não contraíra a moléstia, não se tendo também contagiado a jovem enfermeira, em cujos braços carinhosos muitos dêles atravessaram os portais da vida para a morte. Entretanto, dentre os enfermos que ingressaram no Leprosário, muitos jamais haviam siquer visto um outro morfético. Tempos houvera mesmo e não muito remotos, em que nem a lepra nem os mosquitos existiam em Hawaii. A linguagem indígena não possuía térmo que designasse nem lepra, nem mosquito, apelidando a morféia de "doença chinesa" pois esta só apparecera com a vinda dos chineses e a cultura do arroz por êles estabelecida. Esta cultura era feita, como de costume, em valas com água para a constante irrigação, onde os mosquitos, também procedentes do

estrangeiro, encontraram um excelente microhabitat. A maioria das lesões iniciais apareciam em partes do corpo habitualmente descobertas e os indígenas, em suas habitações leves e sem proteção, eram mordidos centenas de vezes cada noite, multiplicando-se desta forma as oportunidades de transmissão. Estas circunstâncias dignas de nota, somadas às particularidades morfológicas do organismo da lepra, e ainda mercê dos conhecimentos que Adolpho Lutz possuía sobre outras entidades mórbidas transmitidas por sugadores de sangue, cujo rol crescia cada vez mais, foram mais e mais fortalecendo em sua mente, não só a convicção do papel preponderante que tinham os mesmos na Medicina Tropical em geral, como a certeza de que o *Culex* cosmopolita era hóspede intermediário da morféia, em particular. Esta idéia tocava tão de perto o cientista que, mesmo na velhice, ainda a defendia com calor, tanto assim que o seu último trabalho foi no sentido de estimular e orientar as experiências sobre a transmissão de lepra murina pelo *Culex* comum.

Regressando ao Rio de Janeiro em princípios de 1893, foi Lutz surpreendido pela infausta notícia do falecimento, poucos dias antes, da mãe extremosa a quem vinha apresentar a jovem esposa. Dirigiu então novamente os seus passos para São Paulo onde viveu até 1908 e onde nasceram os dois únicos filhos do casal.

O Instituto Bacteriológico de São Paulo foi criado em 1892, sendo encarregado de organizá-lo o cientista francês Felix Le Dantec. O Dr. Adolpho Lutz foi nomeado subdiretor em março de 1893, ao regressar de Hawaii. Já em abril teve que assumir a chefia por desejar Le Dantec voltar a Paris. Não hesitou em recomendar o seu colega brasileiro ao Governo, apontando as vantagens de nomear um cientista cujos conhecimentos e cultura abrangiam todos os aspectos da Medicina Tropical e os ramos correlatos. O presidente Bernardino de Campos e o secretário Cesario Motta ratificaram a escolha, nomeando Lutz, primeiramente no caráter de interino, para efetivá-lo a seguir. Lutz permaneceu à frente do Instituto até novembro de 1908, deixando-o para aceitar o convite que Oswaldo Cruz lhe fazia para dedicar-se inteiramente às pesquisas no então Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos.

Ao Instituto Bacteriológico de S. Paulo coube papel relevantíssimo na História da Medicina no Brasil. Quando foi criado tudo estava por fazer. A Bacteriologia era uma ciência nova. As doenças endêmicas grassavam, aguardando diagnóstico seguro baseado em métodos de laboratório. Urgia combater as epidemias introduzidas em nosso território pela expansão do comércio mundial e pelas levas imigratórias. Não obstante a oposição ferrenha do tradicionalismo e da inércia, estava chegado o momento de controlar as doenças do homem e dos animais por processos desconhecidos pelas autoridades e pelo público.

Foi a Adolpho Lutz que coube a orientação científica dessa jornada sanitária. Estava bem apto para desempenhar tal missão. Cultivava assiduamente a bacteriologia e a parasitologia, elaborando métodos de pesquisa no campo e no laboratório. Possuía experiência clínica adquirida no interior do Brasil e no estrangeiro, especializando-se na Medicina Tropical. Cosmopolita e poliglota, mantinha-se a par da literatura, correspondia-se com os pioneiros da ciência e da medicina nos diferentes pontos do globo e acompanhava os progressos daquela época tão fértil em descobertas.

Não podia Lutz deixar de fazer de S. Paulo o centro precursor da medicina científica brasileira embora muito tivesse que lutar.

Desde a sua fundação o Instituto atraiu o interesse dos homens de ciência mais esclarecidos e a má vontade dos elementos retrógrados que em tôdas as épocas e em tôda parte procuram sempre entrar o progresso. Lutz contava entre seus amigos e correspondentes assíduos, colegas como Francisco Fajardo, Pedro Severiano Magalhães, Nina Rodrigues, Oscar Freire, Miguel Couto, Azevedo Lima, Azevedo Sodré, Emilio Gomes, Olympio Portugal e o jovem Oswaldo Cruz.

Os homens de Estado mais ilustres de S. Paulo compreenderam cedo a importância da sua obra. O Dr. Emilio Ribas, diretor do Serviço Sanitário prestigiou sempre o Instituto aceitando a orientação científica do seu diretor.

Entre os seus colaboradores e ajudantes uns tornaram-se amigos tão leais e dedicados que só a morte os afastou. Foi o caso do Dr. Carlos Meyer, o colaborador mais assíduo de Lutz e o seu primeiro sucessor. Outros prestaram bons serviços, afastando-se mais tarde por questões doutrinárias, como o fez Arthur Mendonça para se bater pela transmissão da febre amarela pelo bacilo de Sanarelli.

Outros ainda firmaram grandes reputações científicas. Vital Brasil, por exemplo, iniciou a sua vida no Instituto Bacteriológico, onde ingressou em 1897, principiando os seus estudos de sôro antiofídico com Lutz que, segundo atestam os relatórios e a correspondência daquela época, já vinha se preocupando com a soroterapia e com as cobras venenosas.

Não obstante foi Lutz muito guerreado, principalmente por elementos tradicionalistas e prestigiosos da classe médica que o combatiam não só na Sociedade de Medicina e Cirurgia, o que lhe parecia lícito, como ainda na imprensa leiga, processo êste que Lutz verberava como contrário à boa ética profissional.

Ora contestavam os diagnósticos do Instituto Bacteriológico, como se deu em relação à cólera e à peste; ora levantavam dúvidas ou negavam a própria presença das doenças que urgia combater.

De outras feitas procuravam entrar a profilaxia, como no caso da febre amarela. Cobriam de ridículo o excêntrico que no meio das suas tarefas

diárias ainda encontrava tempo para caçar mosquitos, batizá-los e observá-los os hábitos e a biologia.

Lutz, porém, seguia, tranqüilamente, o seu caminho, atendendo às objeções sinceras, menosprezando as críticas absurdas, desarmando pouco a pouco os adversários, triunfando das insídias e das guerrilhas pelo acerto comprovado das suas afirmações.

A princípio faltava quase tudo. Nos primeiros meses o Instituto esteve instalado em prédio acanhado, deficiente em todos os requisitos, faltando até a iluminação e o espaço adequados. Em agosto de 1894 foi transferido para um prédio mais espaçoso e mais claro da rua Direita, mas continuavam a faltar dependências indispensáveis como o biotério. Em 1896 foi instalado em sede própria no terreno do Hospital de Isolamento. Embora muito modesto, comparado com o edifício suntuoso do atual Instituto Adolpho Lutz, foi o novo prédio planejado com o máximo cuidado pelo seu diretor, a fim de preencher as suas finalidades. Preencheu-as de tal modo que serviu de orientador científico na transformação das condições sanitárias de S. Paulo, tornando possível o seu grande surto de progresso e estabelecendo normas de Saúde Pública que a seguir se estenderam a todo o país.

Transcrevemos alguns trechos do relatório de Lutz, de 1896, que descreve o velho Instituto que já não existe mais e que foi o primeiro estabelecimento bacteriológico do nosso país :

“Eis em poucos traços a disposição do novo Laboratório : No primeiro andar há uma grande sala com quatro janelas em direção ao sul, calculadas para receber quatro mesas de trabalho ; uma quinta janela é dirigida para o oeste. Em caso de necessidade pode-se acomodar mais um pesquisador.

Além das mesas, possui a sala um armário para culturas e meios nutritivos e uma estufa a gás, regulada para a temperatura do corpo humano. Do lado do sul há mais uma sala de diretoria e a sala de recepção, convenientemente mobiliada, contendo também um armário para jornais de medicina e bacteriologia. Do lado do norte existe o patamar que dá entrada para uma sala com duas janelas que serve de escritório e biblioteca.

Contém dois armários com livros, uma secretária e uma máquina de escrever. Há mais uma dependência pequena onde estão colocados dois armários grandes, um deles servindo de geleira, com paredes isoladoras e outro como estufa, regulada pela temperatura mais alta que a gelatina nutritiva suporta sem derreter. Há mais uma grande mesa de trabalho encostada à parede, com micrótomo, filtro Pasteur, um aparelho ligado ao encanamento de água e torneira de maneira que fornece uma corrente de ar, podendo servir para a pulverização de

éter nos micrótomos de congelação e para trabalhos de vidro. Produz também um vácuo que se utiliza nos processos de cultura anaeróbia.

Abaixo desta peça há outra com paredes duplas, para isolamento mais perfeito, onde existe um armário de ferro, completamente isolado, podendo receber uma tonelada de gelo, munido de um tanque para a água resultante da fusão deste (Esta água é aproveitada para resfriar uma serpentina na qual circula a água do encanamento para um tanque situado em baixo da estufa de gelatina. Pelo contacto com este tanque o ar que entra na estufa é resfriado e depois elevado, outra vez, à temperatura de 25°, mais ou menos, por meio de chamas de gás, influenciadas por um regulador de mercúrio. Assim pode-se condicionar a temperatura de 25°, mesmo quando a do ambiente é mais elevada).

Na altura do primeiro andar do lado oeste há um alpendre em parte coberto e fechado dos lados com vidraças, munido de gás e tanques de água para trabalhos que não convenha fazer em peça fechada.

Ao rés do chão, do lado do sul, há quartos para empregados e uma grande peça correspondente à sala de microscopia, contendo a coleção de peças anatómicas e servindo também de depósito geral. Do lado norte existe a peça já mencionada contendo o depósito de gelo e dois quartos escuros para trabalhos fotográficos com os aparelhos necessários para projecção e engrandecimento de fotografias e execução de microfotografias.

Abaixo do alpendre há uma oficina com uma pequena turbina movendo um aparelho de centrifugação e outras pequenas máquinas.

Para oeste da casa estende-se uma área calçada e fechada com muros e chalet para os animais de experiência. (No pátio foi instalado o primeiro serpentário). Há, também, uma cozinha, um quarto para empregado e uma pequena peça isolada, onde o ar deve ficar sempre livre de micróbios, sendo para este fim lavado e filtrado. Serve para certos trabalhos delicados, como colheita de sérum, inoculações etc.

A instalação foi feita pelo Sr. John Sherrington e a mudança se realizou sem despesa alguma, pelo pessoal e os veículos do desinfetório central do serviço sanitário, tudo pois com a máxima economia."

Inicialmente as instalações de gás e água e o problema de transporte para aquêle bairro, então considerado longínquo, muito deram que fazer.

As verbas eram exíguas. No relatório de 1900 Lutz aponta que não havia verba para quaisquer despesas extraordinárias, pois a verba material se reduzia a 500\$000 mensais, dos quais empregava 200\$000 na biblioteca e no pagamento das contas de gás. Folheando o arquivo do Instituto ainda

se encontram vários recibos de contas de transporte e de aquisição de animais pagas pelo próprio diretor.

Não obstante as deficiências e dificuldades, Lutz deu início à Biblioteca e logo que conseguiu colocar os seus ajudantes no rol dos médicos da Santa Casa principiou a formar um Museu de Anatomia Patológica, rico em peças de tôdas as grandes doenças tropicais e abrangendo uma série representativa das lesões da febre tifóide, demonstrada em vísceras examinadas pelos grandes especialistas de além-mar. Esta coleção infelizmente já não existe, tendo sido destruída durante o período de subordinação do Instituto Bacteriológico ao Instituto de Butantan.

Durante a estada de Lutz em S. Paulo era reduzidíssimo o corpo técnico do Instituto Bacteriológico, resumindo-se no diretor e quatro assistentes, cujos cargos permaneciam por vêzes vagos, mesmo nos momentos de epidemias alarmantes. Era completado por um porteiro e dois serventes. O Serviço Sanitário colocava dois desinfetadores à disposição do Instituto. O desenhista e o escriturário eram figuras esporádicas.

Vejamos, agora a magnitude da tarefa que Lutz teve de empreender. Na última década do século dezenove São Paulo fôï assolado por doenças ali desconhecidas como a peste e a cólera. A febre amarela atingiu o auge na pandemia de 1889, a peste em 1899.

Esta dá margem a incidente verdadeiramente dramático: firmado incontestemente o diagnóstico, Lutz e Ribas levam ao conhecimento do govêrno a necessidade de tornar público o fato, interditando o pôrto de Santos, a fim de evitar o contágio por intermédio dos navios e a disseminação da peste em outras regiões do Brasil e outras partes do mundo. O govêrno aceita essa orientação e cumpre o seu dever. Mas o comércio, composto em grande parte de estrangeiros, revolta-se em Santos e promove um motim na Estação de Estrada de Ferro, com a finalidade de assassinar os dois médicos quando chegassem a Santos. Ciente do fato, insiste entretanto Lutz em para lá seguir imediatamente, tendo a vida salva, provàvelmente, pelo fato do Gerente inglês da "São Paulo Railway" ter-se recusado categoricamente a fornecer-lhe passagem e condução.

A malária era endêmica na região costeira e em certas zonas do interior. Poupava a capital mas em compensação nela grassava a febre tifóide, erroneamente considerada como palustre e denominada "febre paulista". Embora fôsse menos mortífera que o mal amarílico, em número de casos lhe era bastante superior.

Verdadeiras levas de estrangeiros aportavam em Santos. A Hospedaria de Imigrantes chegava a abrigar simultâneamente milhares de pessoas. Às vêzes introduziam doenças como a cólera, a escarlatina e o tifo exantemático. Por sua vez tornavam-se vítimas de infecções como a febre tifóide e a febre amarela contra a qual era nula a sua imunidade.

As pesquisas do Dr. Lutz sobre a cólera tiveram início dramático no dia 13 de agosto de 1893. Naquele dia foram remetidas ao Instituto, para exame bacteriológico, dejeções de doentes da Hospedaria dos Imigrantes. O quadro clínico fazia suspeitar que se tratava de cólera asiática.

Empregando os processos técnicos mais aperfeiçoados, então em uso, e fazendo algumas modificações no instrumentário, Lutz obteve uma cultura completamente pura do vibrião da cólera, no fim de 10 horas.

As dejeções que, macroscopicamente apresentavam os caracteres típicos das evacuações coléricas, revelaram, debaixo do microscópio, vibriões semelhantes aos das culturas. Em vista disso, Lutz pôde responder, no prazo de tempo acima indicado, à Diretoria do Serviço Sanitário que se tratava, com certeza quase absoluta, de cólera asiática introduzida em São Paulo.

Este fato revestiu-se de importância, pois vários expoentes conceituados da classe médica, não se conformando com o diagnóstico de cólera, cuja presença talvez se lhes afigurasse insuportável, procuraram propalar que no Instituto Bacteriológico se costumava encontrar vibriões da cólera em casos banais de diarréia. A resistência ao diagnóstico foi de tal ordem que cinco anos mais tarde ainda houve quem escrevesse no Rio trabalho denominado "Mimetismo do Cólera" procurando provar que cólera verdadeira nunca existira no Brasil.

A realidade era bem diversa. Existem, não há dúvida, casos leves de cólera, mas aquêles que chegaram ao conhecimento das autoridades sanitárias de São Paulo eram todos graves, com percentagem letal elevada e relações muito claras com outros casos, subseqüentes ou anteriores, em série que evidenciava o caráter epidêmico da doença. Aliás Lutz não se contentava com as provas de laboratório, por exaustivas que fôsem. Confrontava-se com a observação clínica e as lesões encontradas em autópsias. Franqueou desde logo o Instituto Bacteriológico à classe médica, a fim de qualquer colega pudesse acompanhar *de visu* os trabalhos sobre cólera ali executados.

Enquanto os timoratos ainda se apegavam à esperança de que o mal não passasse de diarréia simples, já Lutz prosseguia na diferenciação entre o vibrião de Koch e outros germes isolados em casos de intoxicação alimentar com sintomatologia algo semelhante.

Êstes quadros mórbidos surgindo em época de cólera não deixaram de apresentar aspectos dramáticos, haja vista um dêles ocorrido na Hospedaria dos Imigrantes. Ali, na véspera do Natal de 1894, dois mil imigrantes adoeceram simultaneamente com diarréia e vômitos. Todos se restabeleceram, prontamente, salvo um caso fatal. Autopsiado por Lutz, o cadáver revelou um estado bastante diverso daquele encontrado em mortos de cólera, mas concorde com o exame bacteriológico.

Prevendo que o veredictum de autoridade estranha seria a única prova aceitável aos que o combatiam, teve Lutz o cuidado de enviar vibriões e

culturas de cólera ao professor Dunbar, diretor do Instituto de Higiene de Hamburgo, então reputado como a maior autoridade sobre o assunto. Tornou bem claro que ele próprio nenhuma dúvida mantinha quanto à especificidade dos vibriões que isolara de casos de cólera, mas que o atestado comprobatório ser-lhe-ia útil.

No verão de 1894-1895 ocorreu novo surto, um tanto mais extenso, aparecendo a cólera quase que ao mesmo tempo em regiões diversas, lavrando porém com maior persistência nas cidades sitas às margens do rio Paraíba.

Entre as reminiscências curiosas de Lutz sobre a cólera asiática, figura uma epidemia iniciada em Barra do Pirai e conjuntamente verificada por ele e por Oswaldo Cruz. Ali a população ribeirinha tinha por hábito atirar os colchões dos doentes mortos de cólera às águas do rio.

Vários trechos dos relatórios de Lutz tratam exaustivamente do aparecimento da cólera e das duas epidemias por ele estudadas em território paulista em 1893, 1894 e princípios de 1895. Não voltou essa entidade mórbida a preocupá-lo nos anos posteriores, cujos relatórios aludem porém, à diarreia, às enterites coleriformes, à cólera nostras e às tendências desses males a assumirem proporções quase epidêmicas em certas épocas de calor.

Apesar disso foi mantida vigilância incessante, tanto assim que o relatório de 1908 (do Dr. Meyer) consigna que o diretor fôra a Jacareí a fim de investigar uma epidemia ali havida, em vista da sintomatologia ser semelhante à da cólera, verificando, entretanto, que não passava de cólera nostras.

Além das grandes batalhas, havia as contrariedades menores. Na mudança de 1894, por mais cuidado que Lutz tivesse, foram contaminadas algumas culturas pelas poeiras levantadas, portadoras de esporos de diversos cogumelos muito abundantes nos climas quentes e úmidos. Uma *Sarcina* tornou-se particularmente molesta como elemento de contaminação. Estas circunstâncias, cuidadosamente observadas por Lutz, levaram-no a lhes atribuir publicações prematuras de alguns autores sobre a descoberta de supostos germes da febre amarela.

O calor derretia a gelatina das culturas e em 1893 o Instituto não possuía verba para adquirir geladeiras. Lutz e seus auxiliares não dispunham de enfermarias, sendo obrigados a recorrer à sua clínica particular e a alguns colegas mais esclarecidos, como os diretores do Hospital de Cambuci e do Hospital Samaritano, a fim de ampliarem as observações sobre as doenças reinantes e de praticarem autópsias.

O obituário da estatística demógrafo-sanitária estava eivado de diagnósticos errados, não podendo servir de indicador seguro das doenças que grassavam em São Paulo.

Extraímos dos relatórios anuais a seguinte súmula cronológica :

Em 1893 e no verão de 1894 para 1895 surge a cólera. É prontamente diagnosticada por Lutz e posta sob contróle. Lutz dá início ao estudo das

febres de S. Paulo, que suspeitava serem febre tifóide, verificando o acerto da sua suposição. Estavam aí as fontes de duas campanhas tremendas desencadeadas contra Lutz.

Já lhe despertam interesse a malária, a morféia e a disenteria, sobre a qual publicára trabalho precursor em 1891. A raiva constitui problema público destinado a persistir durante longos anos.

Em 1894 Lutz estuda a febre amarela e continua a estudar a cólera, a febre tifóide, a difteria, a malária, a raiva e a influenza. Menciona no relatório um caso interessante de pústula maligna estirpada de um empregado do matadouro e provavelmente contraída no cadáver de um boi.

O relatório de 1895 trata da maioria destas doenças, assim como da pneumonia, dos germes piogênicos, das bactérias fotogênicas, fosforescentes e saprófitas e da distribuição geográfica das bactérias em geral, apontando Lutz o caráter cosmopolita da flora bacteriana. Organiza uma boa coleção bacteriológica. Principia os seus estudos sobre as micoses e os processos patológicos causados por protozoários. Dá início a extensas pesquisas sobre os hematozoários do homem e dos animais, motivadas pela insistência de alguns colegas em diagnosticar a febre tifóide existente em São Paulo, as chamadas "febres paulistas", como manifestação malárica, contrariando a convicção de Lutz de que não existia malária na capital do Estado.

Durante êsses anos Lutz publica vários trabalhos médicos e helmintológicos, mencionados nas bibliografias publicadas nos volumes XVIII (1925) e XXXVI, (1941) das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.

Em 1896 a cólera já não aparece. Intensificam-se os estudos sobre hematozoários. A disenteria, a febre tifóide, a difteria são objetos de investigação, assim como o mormo, cuja existência no Brasil foi primeiramente demonstrada por Lutz. Investiga os mixosporídeos. Grande parte do relatório versa sobre a instalação do Instituto no novo prédio. Daí em diante a biblioteca e a coleção de anatomia patológica, começadas nos primeiros anos, são sempre mencionadas.

Data de 1897 a entrada dos assistentes do Instituto no rol dos médicos da Santa Casa. Lutz menciona que principiou, em colaboração com Vital Brasil, a estudar a questão da soroterapia das mordeduras de cobras. Já possuía exemplares de cascavel e jararacas, mas as quantidades de peçonha que forneciam eram insuficientes. Lutz apela pois para as pessoas interessadas, não só no Brasil, como na América Central, a fim de aumentar o serpentário instalado no Instituto Bacteriológico.

A febre tifóide constitui a maior preocupação de Lutz, que estranha, nas páginas do seu relatório, a atitude da Sociedade de Medicina e Cirurgia, votando por maioria, contra as suas afirmações sobre a existência da febre tifóide endêmica, embora acompanhadas de uma exposição de intestinos com

lesões típicas provenientes de casos autopsiados e confirmação bacteriológica por Eberth.

As outras doenças estudadas já figuram nos relatórios anteriores.

Lutz escreve um capítulo sobre esporozoários e outros sobre entozoários.

Tendo o Dr. Mooney-Suffren, que foi por algum tempo veterinário do matadouro, oferecido ao Instituto uma série de peças anátomo-patológicas interessantes, Lutz estuda várias doenças dos animais domésticos, como sejam a cólera das galinhas, a pneumomicose ou aspergilose, as diversas doenças do gado, o mormo, o Herpes tonsurans do gato. Também faz observações sobre as doenças que se manifestam nos animais do biotério.

O problema sanitário principal de 1898 é a epidemia de varíola que causou 300 óbitos na Capital. O relatório trata também de escarlatina e difteria na Hospedaria dos Imigrantes, assim como das doenças humanas e de animais domésticos anteriormente estudadas, às quais acrescenta a difteria das aves domésticas. Este relatório traz uma súmula dos progressos da medicina tropical no estrangeiro. Lutz faz novo apêlo ao público, pedindo cobras peçonhentas vivas e oferecendo gaiolas e os instrumentos necessários para apanhá-las. Entre estes deve ter figurado o aparelho de laçá-las, ideado por êle.

Infelizmente não possuímos o relatório de 1899, ano em que a peste aportou em Santos, mas dela tratam quase todos os relatórios subseqüentes, pormenorizadamente.

Lutz publica um caso de mífase da garganta.

O relatório de 1900 consigna satisfação pela obtenção de uma verba mensal exígua de 500\$000 para material. Dá um apanhado sobre a marcha da peste na Ásia, África e Austrália e sobre os casos ocorridos em portos europeus. Além das doenças comuns, refere-se ao tifo exantemático e à pneumo-enterite dos porcos. São feitas observações, publicadas na *Revista Médica de S. Paulo* (1898, ns. 2 e 11), sobre dois casos de peste pneumônica.

Segundo Lutz, o ano de 1901 foi um dos melhores em relação ao estado geral sanitário não havendo nenhuma epidemia maior e observando-se apenas número moderado de casos de moléstias infeciosas usuais. A peste ocupa grande parte do relatório. Lutz declara ter terminado o estudo dos mosquitos e iniciado o de outros dípteros hematófagos.

O relatório de 1902, de autoria do Dr. Carlos Meyer, está subordinado a uma série de rubricas faltando-lhe algo da espontaneidade dos relatórios de Lutz. A matéria é mais ou menos a mesma dos anos anteriores mas nenhum tópico sobressai.

No ano seguinte são publicados trabalhos de grande envergadura. Tendo ocorrido em 1897, enquanto era construída a nova linha de estrada de ferro entre São Paulo e Santos, casos de impaludismo em plena mata, entre operários localizados nas altas encostas íngremes e desprovidas de

água parada, Lutz foi convidado a investigar o assunto. A fim de poder fazê-lo cuidadosamente e baseado em experiência própria, transportou-se para a serra, hospedando-se em casa do Sr. Kesselring, engenheiro suíço da estrada, cuja senhora contraíra a malária no próprio local. Logo na primeira noite, além da fauna usual de insetos picadores dele sobejamente conhecida, Lutz observou um mosquito que lhe era completamente estranho. Aliava ao porte pequeno e à grande voracidade de sangue, a particularidade de pousar silenciosamente, de maneira a passar, antes de picar, freqüentemente despercebido às pessoas menos atentas. Acoimou logo a nova espécie de transmissor e pôde mais tarde comprovar a sua culpabilidade. É a atual *Kerteszia Cruzii*, então denominada *Anopheles Lutzii* por Theobald. Entre as observações de Lutz a seu respeito acha-se o fato de ter ficado satisfeito ao saber mais tarde que os transmissores da malária pertenciam ao gênero *Anopheles*, pois a nova forma também era desse gênero. Esta observação foi interpretada por Flavio da Fonseca como prova de que a primeira descoberta de transmissor de malária foi a de Adolpho Lutz.

A descoberta da malária silvestre é consequência evidente dos dons de naturalista de que Lutz era possuidor, e mais ainda da descoberta correlata de tratar-se de espécie bromelícola. Foi deduzida da ausência de outras águas paradas por um lado, sendo por outro resultante dos seus conhecimentos de que as plantas armazenadoras de água servem de microhabitat a diversos animais higricos, pertencendo a este número as larvas dos mosquitos.

O trabalho de Lutz sobre a malária silvestre despertou forte celeuma, sendo-lhe feita a acusação do que nunca foi em toda a sua vida, a de mau observador. Entretanto a oposição silenciou quando a sua sugestão de que fossem procuradas larvas de dípteros nas plantas armazenadoras de água norte-americanas (*Sarracenia*) e asiáticas (*Nepenthes*, *Freycinetia*) deu resultados frutíferos. Hoje em dia, o combate à fauna bromelícola é o princípio orientador da campanha antimalárica nas serras costeiras do Brasil e em várias colônias britânicas nas Índias Ocidentais.

Continuando impune a soberania da febre amarela e prevalecendo forte oposição por parte de larga parcela da classe médica de São Paulo que dispunha de grande influência, propôs o Dr. Emílio Ribas ao Dr. Adolpho Lutz que as experiências de Havana, comprovando a transmissão da febre amarela pelo *Stegomyia fasciata* (ou *Aedes aegyptii*) fossem repetidas em São Paulo. Concordeu Lutz, estabelecendo as condições dentro das quais se realizariam as experiências. A primeira dessas condições era que tanto ele, Lutz, como o Dr. Ribas, figurariam entre os voluntários e o fizessem unicamente movidos pela convicção de estarem certos do resultado. Quanto aos voluntários leigos, foram cercados de garantias financeiras, seja como prêmio, seja como auxílio às suas famílias. Os mosquitos seriam criados no laboratório sem

possibilidade de se contaminarem e seriam postos a sugar em doentes de febre amarela escolhidos para este fim. Depois de algumas tentativas infrutíferas de obter casos benignos apropriados, foram conseguidos mosquitos infectados em São Simão, para onde foram levados do laboratório e postos a sugar em amarílicos escolhidos pelo Dr. Carlos Meyer, assistente do Instituto Bacteriológico.

As experiências tiveram início a 15 de dezembro de 1902, três dias antes de Lutz completar o seu 48.º aniversário e cinco meses antes do nascimento de seu filho. No Instituto Adolpho Lutz ainda existem atas e vários outros documentos relativos a essas experiências, onde se encontram consignadas as vezes em que os mosquitos foram postos a picar os braços dos Drs. Lutz e Ribas, diante de vários membros da facção contrária. Nenhum dos dois adoeceu: evidentemente, haviam adquirido a imunidade, expostos que estavam há muito à doença que combatiam. Quanto aos pacientes leigos, êsses felizmente se restabeleceram.

Foram então feitas experiências bastante pueris pela comissão nomeada para acompanhar as experiências prévias de Lutz e Ribas. Consistiram essas contra-experiências em pôr voluntários leigos em contacto com as roupas de cama e os vômitos dos amarílicos, mas, como era de esperar, mostraram-se estas inteiramente negativas. Rendeu-se então a oposição à evidência e assim se pronunciou:

“A Comissão não pode deixar em primeiro de apontar a correta hombridade com que procedestes, expondo com toda a lealdade, com toda a verdade, aos arrojados indivíduos que se submetiam às experiências, os grandes perigos a que iam se expor.”

“E não podemos deixar passar em silêncio o edificante fato: fostes vós e o Dr. Lutz os primeiros a dar o exemplo, fazendo-se ambos picar, e picar bem, por vários mosquitos infeccionados pelo sangue de doentes de febre amarela.”

“De tudo quanto observou, a Comissão conclui que a transmissibilidade da febre amarela pelos mosquitos é um fato positivo, adquirido para a ciência e que dêste fato resulta a necessidade da higiene privada e pública deixar a defensiva para tornar-se enérgicamente ofensiva. A guerra de extermínio dirigida contra os pernilerongos, especialmente contra a *Stegomyia fasciata*, deverá ser objeto das nossas constantes preocupações. Nenhuma água estagnada deverá ser consentida quer dentro, quer nos subúrbios imediatos de uma cidade.”

“Praticamente é quanto basta para a extinção completa de uma moléstia que enche de pavor ao mundo inteiro e que, por sua pertinácia endêmica no nosso país, nos tem causado prejuízos incalculáveis de todo o gênero.”

“A Comissão, que se julga completamente satisfeita com o resultado das provas experimentais, aliás tem certeza de que êsses dados e documentos

serão por VV. SS. aproveitados para, em conjunto, serem publicados em volume especial.”

São Paulo, 20 de fevereiro de 1903

Dr. Luiz Pereira Barreto

Dr. Adriano de Barros

Dr. A. G. Silva Rodrigues

Com esta declaração foi encerrada a oposição à profilaxia anticulicidiana preconizada por Lutz, que passou a ser aplicada desde então.

O Governo mandou cunhar Medalhas de Ouro para oferecer aos arrojados experimentadores, Lutz e Ribas, tendo a eloquente e singela inscrição: “O Estado de São Paulo ao Benemérito Cidadão . . .”

O ano de 1904 se distingue pelo fato histórico, lacônicamente consignado por Lutz no seu relatório, de não ter mais havido epidemias de febre amarela no território estadual desde a introdução das medidas profiláticas anticulicidianas. São estas as suas palavras textuais:

FEBRE AMARELA

“Faltou-nos êste ano, felizmente, tôda a ocasião de ocuparmo-nos com êste assunto, visto não ter havido epidemias, quer na Capital, quer no interior do Estado.

Ê êste o primeiro ano, desde a existência dêste Instituto, que êste fato se dá e atribuímos êste brilhante resultado às providências tomadas pela Diretoria do Serviço Sanitário e baseadas nas novas noções sôbre a sua transmissão, resultantes dos estudos feitos em Cuba e entre nós.”

Os relatórios subseqüentes se limitam a repetir a afirmação da ausência da febre amarela. As experiências de São Paulo foram alvo de grande interêsse no exterior como evidencia a correspondência recebida pelo Dr. Lutz. Ê igualmente incontestável que a São Paulo cabe a primazia de haver aplicado a profilaxia adequada à extinção do flagelo, não sômente no Brasil, como talvez no mundo, já que em Cuba houve delongas.

Continuava entretanto a reinar intensa controvérsia entre os higienistas cariocas relativamente à febre amarela. Por insistência de Oswaldo Cruz acedeu Lutz à solicitação da *Gazeta de Notícias* da Capital da República para que desse uma entrevista sôbre a eficácia do método anticulicidiano. Foi esta, aliás, a única entrevista jamais concedida por êle à imprensa pois não considerava de boa ética apelar para os diários em matéria científica. Só abriu uma exceção, como êle mesmo o declara, dada a importância primordial do assunto em relação à saúde pública e movido pelo desejo de ver também a sua cidade natal libertada do terrível mal amarílico. A *Gazeta de Notícias* publicou a entrevista em 20 de outubro de 1903. Reveste-se de grande importância esta entrevista na história da medicina pátria, não

sòmente pela razão de fixar as datas da aplicação do método apropriado de profilaxia respectivamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, como ainda por consignar as antigas suspeitas de Lutz quanto à importância dos mosquitos, mormente da *Stegomyia fasciata* na propagação da doença, suspeitas essas datavam da pandemia de Campinas e da observação da frequência do mosquito rajado no Rio de Janeiro. Mostra ainda mais que, já naquele tempo, Lutz acreditava na transmissibilidade da febre amarela por outras espécies de *Stegomyia*, e já havia observado casos de febre amarela silvestre. Realmente foi êle o descobridor desta modalidade da doença, como já o havia sido da malária silvestre. Em fins do século passado estudara uma pequena epidemia de febre amarela ocorrida em Funil, por ocasião da construção da estrada de ferro que partia de Campinas. Pôde êle pessoalmente observar no próprio local a ausência completa da *Stegomyia fasciata* doméstica e urbana. Entretanto, sòmente em 1931 publicou o fato nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, conjuntamente com a indicação de outra epidemia semelhante em Índios do Rio Verde, epidemia essa de que tivera ciência mas não observara pessoalmente. Costumava a se referir a uma mortífera epidemia de febre amarela que, em meados do século XIX grassara numa colônia suíça domiciliada no Espírito-Santo, onde mais tarde, após a publicação do trabalho de Lutz, foi descrita a febre amarela silvestre por Soper e outros higienistas. O chefe da Igreja luterana brasileira confirma a existência em uma colônia muito antiga de um velho quadro representando o padre da aldeia morto, de febre amarela, no caixão e rodeado pelos seus paroqueanos.

O relatório de 1905 é redigido pelo Dr. Carlos Meyer, por achar-se Lutz na Europa como delegado do Estado de São Paulo ao Congresso de Tuberculose realizado em Paris. Durante o ano empreendera estudos sôbre dípteros, publicando espécies novas de mosquitos e fizera estudos sôbre a tripanosomose equina.

Em 1906 continuam os estudos sôbre dípteros saindo a primeira publicação sôbre Tabanídeos; são estudados e publicados casos de meningite cerebrospinal epidêmica. Continuam os estudos sôbre hematozoários. Em Jacaréí vacina-se contra a peste bubônica. Lutz queixa-se das demoras e dificuldades que entravam a formação da biblioteca.

No ano de 1907 Lutz é convidado pelo govêrno do Pará para estudar a peste de cadeiras que trazia prejuízos sérios aos fazendeiros e conduzira, há muito tempo, à utilização de bois para montaria. Seus estudos são extensos, abrangendo o hospedador selvagem e os tabanídeos que pudessem estar implicados na transmissão. Lutz envia animais infectados ao Instituto para continuar as investigações. O relatório trata da tuberculose bovina que motiva a última das grandes campanhas de interesses e ódios que Lutz teve de enfrentar. Realiza-se em S. Paulo o 6.º Congresso de Medicina e Cirurgia,

ao qual é apresentado o trabalho de Lutz e Meyer sobre hematozoários de pássaros e outro de Lutz sobre esporotricose. Continuam os estudos sobre dípteros. Ao 3.º Congresso Médico Latino-Americano, Lutz apresenta um trabalho sobre "A transmissão de moléstias por sugadores de sangue e as espécies observadas entre nós". Publica, também, seu relatório sobre a peste de cadeiras e artigos sobre tabanídeos:

Foi 1908 o último ano em que Lutz exerceu efetivamente seu cargo de diretor. Deixando-o em novembro, foi designado para substituí-lo o Dr. Carlos Meyer que redigiu o respectivo relatório. O feito mais notável do ano foi a organização de belos mostruários dos trabalhos do Instituto Bacteriológico no pavilhão de São Paulo, na Exposição Nacional realizada no Rio de Janeiro. Foi uma das secções mais visitadas, principalmente por médicos e especialistas. Por um escrúpulo de delicadeza, muito característico, Lutz não quis expor peças anatômicas humanas, mostrando porém peças de patologia animal, de doenças do gado, como a febre aftosa, a tuberculose, o carbúnculo sintomático, o mormo, a osteoporose do cavalo e a pneumoenterite dos porcos. Também foram apresentadas peças de tuberculose bovina experimental e os resultados das observações feitas sobre a tuberculina. Havia belas coleções de parasitologia, com esporozoários, helmintos, dípteros hematófagos, explicando o seu papel importante na transmissão de doenças. Foram expostas bactérias cromogênicas e uma coletânea das publicações do pessoal do Instituto, servindo de sumário dos trabalhos ali realizados. O relatório de 1908 chama a atenção para o descaramento das bactérias cromogênicas e dos rótulos escritos a máquina com fitas tintas com cores de anilina, atribuindo esse fenômeno a iluminação intensa e prolongada como a luz de vapores de mercúrio usada no pavilhão de São Paulo.

Durante o tempo em que o Dr. Lutz dirigiu o Instituto Bacteriológico de São Paulo foram feitas centenas de autópsias, a fim de confirmar diagnósticos, estudar lesões macro — e microscópicas, estabelecer diagnósticos nos casos em que faltavam observações clínicas ou havia suspeita de tratar-se de doenças infecciosas. As protocoladas atingiram até 31 de julho de 1908, a quase 500. Havendo interesse, em muitos casos, em se chegar rapidamente ao resultado, estas autópsias eram muitas vezes praticadas à noite. Eram levados microscópios, corantes e tubos de cultura ao próprio necrotério, fazendo-se imediatamente preparações e culturas. Quando havia necessidade de experiências em animais, eram as mesmas feitas com a maior rapidez possível, tudo independentemente das horas regulares do expediente. Procedia-se sempre que fôsse necessário ao exame microscópico e químico de líquidos orgânicos, exsudatos e conteúdo do tubo digestivo. O serviço de autópsias era muito trabalhoso, tornando-se muitas vezes de grande responsabilidade por causa das medidas sanitárias dependentes dos seus resultados.

Entre as autópsias registradas se encontram 121 casos de febre amarela provenientes do Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e grande número de lugares do interior, fornecendo a base de longos estudos sôbre a natureza da doença : 92 de febre tifóide ; 62 casos de cólera morbus (1893-1895) ; 28 de peste bubônica ; 6 de pneumonia pestosa primitiva ; 1 de meningite pestosa primitiva ; 1 de caquexia consecutiva à peste ; 13 de difteria ; 13 de pneumonia lobar ; 5 de tifo exantemático, dos quais 2 em 1900, 1 em 1905 e 2 em 1906, 4 de meningite cerebrospinal epidêmica ; 1 de meningite pneumocócica, 1 de equinococose supurada do fígado e muitos outros com diagnósticos diversos.

Além dêsses trabalhos havia uma rotina diária bastante onerosa de exames múltiplos, só anotados de 1900 em diante. Foram examinados no Instituto mais de 7.000 ratos com o fim de verificar ou excluir a existência da peste. Ultrapassaram 1.300 os exames de escarro, alguns relacionados com a peste mas a maioria em busca do bacilo de Koch ; dêstes, grande número foi solicitado pelo Hospital da Fôrça Pública. Fizeram-se perto de 1.000 exames de sangue, a fim de verificar a presença de parasitos, principalmente de hematozoários do impaludismo e mais de 200 exames sorológicos de aglutinação. Foram examinadas centenas de urinas e de fezes e feitos mais de cem exames de suco ganglionar, além de muitos outros de pus, vômitos, secreções de úlceras, assim como de manchas e outros exames de natureza médico-legal. Nos primeiros anos de sua administração Lutz mandava fazer gratuitamente todos os exames solicitados pelos colegas, a fim de habituar a classe médica a recorrer à bacteriologia. Esta ainda não era recurso de uso geral, conforme demonstra carta de 1895 de Plácido Barbosa, pedindo a Lutz dados para uma tese sôbre as aplicações de bacteriologia ao diagnóstico.

Na falta de um Instituto Pasteur, a raiva obrigava o Instituto Bacteriológico a dezenas de exames em cães e alguns em gatos, vivos ou mortos, inclusive o exame dos centros nervosos e a inoculação do bulbo em coelhos, etc.

Os exames bacteriológicos de águas alcançaram quase uma centena sendo bom número dos primeiros executados pelo próprio Lutz.

Um dos trabalhos que menos lhe agradavam era fazer experiências e emitir pareceres sôbre panacéias que se propunha afoitamente curar doenças incuráveis, e que não raro, eram encaminhadas por padrinhos leigos, que os descobridores improvisados procuravam entre as personalidades de destaque na vida pública.

Obrigado a arcar com os problemas médicos de todo o Estado, o Instituto tinha que mandar repetidamente técnicos ao interior. Lutz desempenhou quarenta e três comissões no estado e empreendeu duas viagens ao exterior da República no desempenho da sua missão.

Assumindo a direção do Instituto Bacteriológico numa época em que a maioria das doenças tropicais grassava impunemente em São Paulo, foi a orientação científica de Lutz um dos principais fatores de contróle dos problemas sanitários públicos. Desde que estavam jugulados começou a surgir o reconhecimento da obra realizada. Os dirigentes mais ilustres de S. Paulo, alguns deles elevados mais tarde aos mais altos cargos da República, foram testemunhas da revolução pacífica realizada na Medicina Brasileira por Lutz. Começaram a afluir ao Instituto médicos brasileiros e estrangeiros, diplomatas, representantes do Poder Legislativo e Judiciário. Cada cientista que aportava ao Brasil procurava desde logo o conselho de Lutz.

Neste pioneiro que já vencera tão árduas jornadas se acentuava, porém, de mais em mais o desejo de se entregar inteiramente à sua vocação científica. A vida de laboratório que o Instituto de Manguinhos lhe oferecia tinha forçosamente que atraí-lo. Acabou por arrebatá-lo da arena sanitária para o domínio abstrato da ciência pura. Aceitou o convite de Oswaldo Cruz. Veio para o Rio e aqui desempenhou três décadas de labor fecundo em descobertas.

Na paz do seu laboratório de Manguinhos, que se transformou imediatamente em foco luminoso e austero de uma nova réstea de progresso na Parasitologia e Zoologia médicas, trabalhou Adolpho Lutz mais trinta anos, cercado do devotamento de tóda a casa e alvo do especial carinho dos seus dirigentes, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Eram ambos muito mais moços que êle, mas Lutz teve o desgosto de vê-los ambos baixar ao túmulo, enquanto êle continuava o seu labor.

Na vida agitada de São Paulo perdera Lutz muitas oportunidades de fazer valer a primazia das suas descobertas e de incrementar a sua reputação científica, pela simples falta de lazeres bastantes para redigir e publicar as suas conclusões. Em Manguinhos viveu a vida monástica dos que se dedicam exclusivamente ao pensamento e à colecta de dados para a sua elaboração. Percorreu várias regiões do Brasil, tendo visitado diversos países estrangeiros.

Teve ocasião de lançar as bases da Medicina Tropical na Venezuela e de representar todo o Continente Sul-americano no Bicentenário da "American Philosophical Society", a mais velha agremiação sábia do Novo Mundo, fundada por Benjamin Franklin. Foi o companheiro de príncipes e de todos os grandes intelectuais que aportaram em dias de sua vida a terras do Brasil. Até na velhice tratava, contudo gratuitamente, os pobres dos arredores de Manguinhos.

Cercado das maiores honrarias, tendo recebido desde o "Premio Einstein" da Academia Brasileira de Ciências, até a Comenda de Grão Conde da Corôa da Bélgica, permaneceu sempre sereno, modesto e austero. Educou seus filhos menos pela palavra do que pelo exemplo, trabalhando incessantemente. De sua pena inspirada saíram trabalhos que desbravaram

todos os campos da Entomologia e da Helminologia, à semelhança das trilhas dos velhos Bandeirantes que traçaram as diretrizes mestras da Geografia do Brasil. Entretanto deles diferia no trato da Natureza, antes seguindo o exemplo de São Francisco de Assis e tornando-se conhecedor e amigo da flora e da fauna de seu país. Apesar de sua crescente fragilidade após os oitenta anos e o desgaste da visão, consumida em decênios de microscopia, conservou Lutz até os seus derradeiros dias a sua independência e vigor intelectual. Assistiam repetidamente os seus discípulos aos seus rasgos do que Ruy Barbosa classificou de "ira santa", quando Lutz via o preconceito e o comodismo entravando o progresso e a verdade. Comprazia-se então em exortar os jovens a não terem receio de idéias novas, como aconselhava a sua filha a temperar a impetuosidade com o humor.

Na sua mocidade, soube Lutz enfrentar a oposição com firmeza e sem rancores e, na velhice, soube receber homenagens sem vanglória. Bem mereceu o conceito que dêle fazia Oswaldo Cruz, êste outro grande vulto da ciência pátria, quando dizia: "Tenho a mais profunda veneração por Lutz porque não conheço ninguém mais reto, mais nobre e menos egoísta".

Em 6 de outubro de 1940, beirando os oitenta e cinco anos, Adolpho Lutz se extinguiu mansamente, deixando a desolação entre os seus. À semelhança do que acontecera na vida política da Inglaterra com a morte da rainha Victoria, extinguiu-se com Lutz toda uma época na História da Medicina no Brasil.